

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS VII CODÓ/MA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-HISTÓRIA

BEATRIZ LIMA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA:
análises, problematizações e debates sobre a visibilidade das mulheres em
produções didáticas e escolares

Codó-MA

2018

BEATRIZ LIMA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA:
análises, problematizações e debates sobre a visibilidade das mulheres em
produções didáticas e escolares**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas – História da Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó – MA – como requisito para obtenção de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas – História.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Franciele Monique Scopeto dos Santos

Codó – MA

2018

SILVA, Beatriz Lima.

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: análises, problematizações e debates da visibilidade das mulheres na História./ Beatriz Lima Silva. Codó, 2018.

49f.

Monografia (Graduação) Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – História, Universidade Federal do Maranhão, 2018.

BEATRIZ LIMA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA:
análises, problematizações e debates sobre a visibilidade das mulheres em
produções didáticas e escolares**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas – História da Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó – MA – como requisito para obtenção de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas – História.

Aprovada em: 13/07/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Franciele Monique Scopetc dos Santos (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Liliane Faria Correa Pinto (membro interno)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa (membro interno)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

AGRADECIMENTOS

Neste momento que para mim é muito especial, quero reiterar meus sinceros votos de agradecimento, aos personagens que estiveram presentes até este momento da minha vida acadêmica. Agradeço a Deus, pela vida, a saúde e pelas vitórias alcançadas até aqui. Agradeço aos meus pais biológicos e adotivos, os maiores pedagogos que eu já conheci em toda minha vida, pelos seus ensinamentos, suas forças, seus afetos, conseguiram educar seus três filhos e colocá-los dentro do ambiente escolar. Agradeço a minha filha, por ser a minha inspiração em meio aos problemas diários por mim encontrados, pelos seus sorrisos, que faz dos piores dias os melhores. Agradeço ao meu digníssimo esposo Rames Xavier, por sua dedicação e apoio incondicional nas horas mais tenebrosas de minha vida acadêmica, e pela paciência. As minhas irmãs e irmãos pelo apoio e pela torcida. Aos meus grandes amigos/irmãos, dedicação e carinho que a mim atribuíram. Vocês foram a família que eu escolhi ter! Agradeço a minha orientadora Franciele Monique, a banca de avaliação que generosamente aceitou participar, professor Francisco Waldílio e professora Liliane, meu muito obrigada.

Enfim, agradeço a todos aqueles e aquelas que, direto ou indiretamente, estiveram presentes e contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Nossa investigação se orienta em um dos pilares fundamentais do exercício da docência em nosso país, a saber o livro didático. Buscamos analisar a coleção *Mosaico*, a qual consiste em livros didáticos de história das séries finais do Ensino Fundamental. A partir das análises, as quais orientamos, metodologicamente, na esteira da análise temática de conteúdo. Observamos que a representação das mulheres ganha notoriedade em nossa pesquisa. Justificada pelos estudos de gênero e pela história das mulheres dentro do campo amplo da análise histórica. Sabemos que os historiadores mencionam a história como o estudo das ações humanas no passado e no presente, compreendendo-a como a ciência dos homens no tempo, enxergando-a assim como problema a ser pesquisado. Nosso objetivo foi descrever as categorias presentes no tocante a visibilidade das mulheres no livro didático, a partir das imagens de mulheres contidas nos quatro volumes da coleção destinada ao Ensino Fundamental – séries finais. As representações são muito importantes, uma vez que elas comunicam elementos imprescindíveis para a análise do historiador. Ajudam a pensar paradigmas culturais, sociais e, sobretudo, históricos. Concluímos a partir das análises que há uma presença fundamental e articuladora no tocante ao ensino de história quando o mesmo se refere, pensa e interpreta a participação das mulheres no fazer e no devir histórico. Percebemos a importância da representação feminina no cotidiano das atividades escolares propostas pelo material didático, para assim, findarmos nossa investigação ressaltando a importância dos estudos de gênero no campo da pesquisa histórica e, sobretudo, no campo do ensino de história.

Palavras – chave: Livro didático; Mulher; História.

ABSTRACT

Our mission is to guide the fundamental pillars of the exercise of teaching in our country, a know the textbook. We sought to analyze a Mosaic collection, a series of textbooks on the history of the final series of elementary school. From the analyzes, such as we orient, methodologically, in the wake of the thematic content analysis. We note that the representation of business notoriety in our research. He justified the studies of gender and the history of women within the broad field of statistics. We know that historians refer to a history as the study of human actions in the past and do not present as a problem of being searched. The objective was to describe how women present did not touch the vision of women in the textbook, from the images of women contained in the volumes of the collection destined to the elementary school. The representations are very important, since they are communicative elements essential for an analysis of the historian. They help to think about cultural, social and, above all, historical paradigms. From this moment, the answer is fundamental and articulating to the teaching of history when it refers, thinks and interprets a participation of women in the making and in the historical becoming. We perceive the importance of female research in the day-to-day of school research for teaching materials, in order to find research on the importance of gender studies in the field of history and, above all, in the field of history teaching.

Key-words: Textbook; Woman; History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capas dos livros 6º ao 9º ano.....	28
Figura 2: Pintura em mural de Pompéia do Século I d.C; as mulheres em Roma.....	29
Figura 3: Igualdade de gênero.....	30
Figura 4: Mulheres indianas em ritual.....	32
Figura 5: Nascimento de Vênus.....	33
Figura 6: Feirante Negra.....	35
Figura 7: Desafiando a ordem masculina.....	37
Figura 8: Menina tocando piano.....	38
Figura 9: Ama de leite.....	39
Figura 10: A mulher no período imperial.....	40
Figura 11: Mulheres na luta pela conquista do voto.....	42
Figura 12: Mulheres sendo recrutadas para a indústria de munição.....	43
Figura 13: Dilma Rousseff e Alzira Soriano.....	44

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES: aportes teóricos e conceituais	12
3 - A MULHER NA HISTORIOGRAFIA: pressupostos teóricos metodológicos	15
4 - O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: análise sobre a visibilidade da mulher	24
5 - COLEÇÃO MOSAICO: nosso corpus analítico	28
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	45

1 - INTRODUÇÃO

É notório que o livro didático ocupa um espaço central na prática pedagógica do professor e que ele influencia bastante, enquanto saber sistematizado, na educação formal dos alunos. Essa é uma questão merecedora de atenção, visto que pensar como se trabalha o livro didático em sala de aula implica refletir como estão se formando os cidadãos.

Às vezes, somos levados a pensar o componente curricular como algo fechado às discussões, sem perspectivas formadoras, distante do apreço à tolerância. A todo tempo muitas pesquisas surgem analisando-o, salientando as eficiências ou ineficiências do livro enquanto ferramenta de trabalho do professor.

O educador, em seu ofício, utiliza tal ferramenta como indispensável ao preparar as suas aulas. É claro que o livro não pode ser apenas isso, visto que pode levar o ensino-aprendizagem como um sistema saturado, em que os alunos e professores estão fadados ao método tradicional, sem motivação para aprender e ensinar. É por esses e outros motivos que é possível perceber os estudos sobre o processo de desenvolvimento do sistema escolar brasileiro direcionando a atenção com emprego e o valor que os livros didáticos têm para o ensino de todas as disciplinas escolares.

Entre todas as disciplinas ministradas na escola, a História ganha um espaço de reflexão nesse trabalho. A partir desta compreensão, é possível conhecermos como diferentes sociedades organizam suas vidas, se relacionavam com a natureza.

Conhecer o passado nos permite compreender melhor a realidade em que vivemos. Mas o historiador necessita de fontes. Os documentos não falam por si mesmos. Eles só falam quando são interrogados. Interrogar os documentos significa decompô-los a outros testemunhos. Realizar esse trabalho pressupõe desmistificar os documentos, reconhecendo que eles não são inocentes e imparciais, mas, sobretudo, construções que expressam uma intencionalidade e uma estrutura de poder determinada.

É por isso, que se optou em trabalhar com imagens dos livros didáticos de história do ensino fundamental. Nossa pesquisa visa a partir das imagens analisar visibilidades das mulheres. Assim, buscam como os autores apresentam as mulheres, em quais conteúdo e temas são destacadas ou citadas, como são citadas e quais mulheres são objetos de representação. A fonte de pesquisa em que nos baseamos para analisar as imagens das mulheres refletem com certeza as preocupações em saber se tais iconografias objetivam alimentar ou romper estereótipos. Para tal, inclinamos nossa análise a análise a partir do conceito de gênero com categoria de identidade visual. A História das Mulheres, enquanto

passado, não pode ser modificada. No entanto, o conhecimento histórico construído sobre esse passado está em constante mudança e reelaboração, operados pela descoberta de novos documentos e pelos os acontecimentos posteriores, os quais colocam para o historiador informações e circunstâncias antes desconhecidas. No que se refere à estrutura do presente trabalho, ele é constituído de três capítulos. O primeiro capítulo versará sobre estudos de gênero e história das mulheres: aportes teóricos e conceituais, o segundo a mulher na historiografia: pressupostos teóricos metodológicos e terceiro o livro didático de história: análise sobre a visibilidade da mulher.

2 - ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES: aportes teóricos e conceituais

Os estudos de gênero são consequências de uma série de mudanças que ocorreram após os anos de 1920. Antes do início do século XX, tinha-se uma história positivista que satisfazia métodos das ciências da natureza. A chamada Escola Metódica ou Positivista, a qual afirmava que a história deveria seguir métodos rigorosos para poder ser considerada uma ciência.

Dessa forma, a história, vista por essa perspectiva, selecionava o que poderia ser pesquisado. Os grandes homens, heróis e burgueses se tornaram elementos que poderiam ser investigados. A ideia de tempo era sempre vista de forma linear. Ressaltamos a importância desta Escola para firmar as bases da pesquisa histórica, bem como o desenvolvimento da crítica histórica.

A verdade histórica era o objetivo do historiador. Assim sendo, ele deveria ser neutro e imparcial em suas pesquisas. Tudo isso foi fomentado pelo precursor e representante da filosofia da história e da história científica, Leopold Von Ranke (RANKE apud BARROS, 2013). Ele estabeleceu uma série de metodologias para a investigação em história onde os documentos eram as fontes confiáveis e os fatos existiam em si, afirmando uma análise dos fatos tal como são.

Diante disso, percebe-se que a forma como a concepção ranquiana era veiculada entre os historiadores do século XIX não condizia com dinâmica real dos estudos. Sabe-se, que nos dias de hoje, o historiador dificilmente mantém-se neutro perante um fato histórico, e a história não se faz apenas pelos grandes homens. Tampouco em uma temporalidade linear.

As mudanças que ocorreram dentro da história foram provenientes de outras correntes como, por exemplo, o marxismo cuja inovação foi a introdução da economia como uma categoria importante para o estudo do historiador. As estruturas econômicas passaram a ser vislumbradas dentro das pesquisas proporcionando uma reflexão de fatos históricos pelo viés da luta de classes.

É nesse contexto, que a partir de 1929 a História passou por uma profunda mudança que foi a Revolução historiográfica e uma quebra de paradigmas, em se tratando de análise histórica. Foi quando surgiu uma nova escola, a Escola dos *Annales*¹. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, a escola questionou o estabelecido e propôs outros métodos de pesquisa. Foram metodologias que, posteriormente, contribuíram para a consolidação de

¹A Escola dos *Annales* foi um movimento de renovação da historiografia iniciado na França do final da década de 1920, com a fundação, por Marc Bloch e Lucien Febvre e com a publicação da revista *Anais de História Econômica e Social*.

distintas áreas de conhecimento nas Ciências Humanas, tais como os estudos na área de gênero, pós-coloniais, as epistemologias ao sul, multiculturalismo.

O campo disciplinar da história foi alargado com a introdução de outras disciplinas vide, geografia e sociologia. Essa interdisciplinaridade proporcionou aos novos historiadores novos aportes metodológicos que até então eram tidos como impossíveis de se estudar como: mulheres, família, negros, alimentação, cidade, dentre outros. Além disso, o conceito de longa duração passou a ser admitido em substituição ao de curta duração. Como assevera: Circe Maria Fernandes Bittencourt (2009)

Entretanto, a história do tempo presente possui exigências metodológicas e conceituais, para que não se transforme em repetições e conceituais, para que não se transforme em repetições de ensaios jornalísticos pouco profundos nas análises. Um pouco crucial é situar essa história dentro do conceito de contemporâneo e situar sua periodização. Com base no conceito de *longa duração*, pode-se perceber que a história do presente tem outras escalas de tempo e espaço. (BITTENCOURT, 2009, p.159).

Descontentes com uma História factual, objetiva, dos grandes homens fundamentada no Positivismo e nas abordagens ditas rankianas Ranke (RANKE apud BARROS, 2013), Marc Bloch e Lucien Febvre juntamente com um grupo de intelectuais franceses problematizaram o campo historiográfico denunciando tais abordagens como totalizantes, universalistas e abrangentes.

A Escola dos *Annales* foi aperfeiçoando-se em três fases alargando-se mais em suas reflexões e percebendo outros problemas históricos. Sabe-se que os estudos das mulheres não foram pensados em um primeiro momento pelos estudiosos da história. Foram nos anos 1960 e 1970 que houve a preocupação com a História das mulheres. Consoante com essa ideia, Gisele Ambrósio Gomes,(2009) pontua que:

[...] O surgimento da História das Mulheres. Segundo Joan Scott, o nascimento desse campo específico de pesquisa, na Europa e nos Estados Unidos, relacionou-se à política, mais precisamente à política feminista que atingiu seu ápice entre os anos de 1960 e 1970, 5 período no qual as mulheres assumiram o controle de sua vida reprodutiva, com a disseminação da pílula anticoncepcional, e ampliaram sua participação na educação, no mercado de trabalho e na política. (GOMES, 2011, p.2).

Mas injetaram novas bases e junto com os movimentos feministas ²da década de 1960 nos Estados Unidos levantaram discussões sobre a realidade vivida pelas mulheres. O

² Foi um amplo conjunto de movimentos de caráter político, social com ideologias e filosofias os quais tinham a finalidade de buscar direitos iguais e libertação dos padrões da sociedade patriarcal.

movimento feminista reivindicava novos cursos que colocasse a mulher como possíveis de serem estudadas problematizando, assim, a desigualdade de gênero existente nessa época.

No Brasil, não tardou muito aos estudos de gêneros iniciarem sua trajetória. Nas décadas de 1970 e 1980 ocorreram os primeiros passos. Os movimentos sociais formaram novas forças políticas. Entre os brasileiros, Maria Izilda S. de Mattos, foi de grande importância para problematizar estudos com as mulheres pela escassez de pesquisas que abordassem a mulher denunciando que:

Os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção de história como evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognósticos do futuro. Procurando acabar com a segmentação entre passado e presente, os estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto de conhecimento histórico, levando a descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica. (MATOS, 1998, p.69).

Assim, é possível perceber que os estudos sobre gênero foram bastante discutidos pela perspectiva biológica. Nessa ótica, a mulher era vista como passiva, sujeita ao homem em uma relação vertical. Mas os estudos posteriores buscaram suscitar outro método analisando-as pelo viés do social. As relações homem e homem, mulher e mulher, homens e mulheres estudando as construções sociais.

Em face ao exposto, percebe-se que as relações de gêneros se dão em diversos espaços. Um dos espaços mais propícios para ratificar preconceitos, discriminações e manutenção do estabelecido vigente é a escola junto com o principal instrumento, livro didático. Por isso se pretende neste trabalho analisar a visibilidade da mulher nos livros didáticos de História, observando e descrevendo as imagens como elas são apresentadas e conectadas ao conteúdo de cada capítulo dos livros.

Tornaram-se importantes as pesquisas que evidenciam a relação gênero e livro didático uma vez que o livro é um instrumento ideológico e de construção de identidade. Sabe-se que o currículo escolar não é neutro. As escolhas e decisões sobre a natureza do currículo são resultantes de relações de poder. Assim, ao analisar o livro didático requer conceber conteúdo relacionado a mulher como a concretização do posicionamento da escola face à cultura produzida pela sociedade.

3 - A MULHER NA HISTORIOGRAFIA: pressupostos teóricos metodológicos

Esse capítulo tem por finalidade se aprofundar na historiografia porque a escolha dos conteúdos e problemas sobre a visibilidade da mulher nos livros didáticos de história devem seguir iluminados pelos problemas que fizeram parte do processo de formação da História.

Daí a necessidade de falar da historiografia de processo de inclusão do estudo das mulheres, bem como as discussões teóricas empreendidas pelos intelectuais em torno dessa realidade e o entendimento da mulher enquanto objeto de estudos considerando-as como autoras na constituição histórica das sociedades. Jurandir Malerba (2006) ao falar da importância da historiografia para o ofício do historiador afirma que

O caráter auto-reflexivo do conhecimento histórico talvez seja o maior diferenciador da História no conjunto das ciências humanas. Embora às vezes nos deparemos com algumas aberrações em contrário, o trabalho do profissional de história exige um exercício de memória, de resgate da produção do conhecimento sobre qualquer tem que se investigue. Não nos é dado supor que partimos de um “ponto zero” [...] (MALERBA, 2005 p. 15).

Entre os primeiros povos, a História reivindicava uma postura de narradora das experiências humanas, afirmadas pelos poetas. Assim, Heródoto tinha uma preocupação em explicar o motivo pelo qual escrevia afirmando que os “feitos” dos homens não poderiam se perder no tempo, principalmente os realizados pelos Helenos e pelos Bárbaros.

Não se pode deixar de mencionar outro grande homem, Cícero, que proclamou a história como mestra da vida e que de onde veio a concepção de se deveria estudar a história para que entender presente e conceber o futuro. Sabe-se que esse entendimento é difundido até os dias de hoje. Philippe Tétart (2000) corrobora com essa afirmação dizendo que:

Heródoto assinala, portanto, a importância que atribui ao dever memória. Além disso, recusando o heleno-centrismo, destaca a necessidade do conhecimento do outro, elevando assim a história à posição de saber patrimonial e universalista. (TÉTART, 2000, p. 14).

Destarte, foi no século XIX que a ideia de “história mestra” ganhou face de científica, em virtude dos estudos e justificativas de Leopold Von Ranke (RANKE apud BARROS, 2013). Ele tinha como base o positivismo o qual rogava a verdade dos fatos, bem como a neutralidade do historiador. Com essa dinâmica houve um tratamento das fontes onde os documentos eram analisados e interpretados como fidedignos, dotados de verdade absoluta.

Nessa época, a pesquisa histórica se configurava, sobretudo, por sua utilidade política e ideológica e o ofício do historiador tinha como norte resgatar a verdade dos fatos. É bom enfatizar que nessa época estavam se formando os recém Estados-Nacionais e para tanto era necessário legitimar a formação de nações e por isso era importante a edificação de passados comuns e do tempo histórico padronizados entre os grupos sociais que habitavam determinado território nacional. Nesse contexto, cabe contribuição de José Carlos Reis (1995):

Erudito, baseava-se principalmente nos documento diplomático para fazer história do Estado e de suas relações exteriores [...] Ranke se interessava pela “originalidade” de um povo, de um indivíduo, pela psicologia individual dos grandes homens [...] um hegeliano tímido que escondia suas posições na “objetividade” do método histórico. (REIS, 1995, p. 41).

Assim, adotando a abordagem das Ciências Naturais, a História enquanto disciplina escolar, dotada de objeto e objetivos, teoria e métodos direcionados, principalmente, a fabricação de culturas nacionais.

Evoluindo, foi no início do século XX que as concepções de História, tempo histórico e fonte histórica sofreram modificações pontuais, passando por diversas críticas e intensas contestações. Essas contestações se deram em virtudes dos escritos de Marc Bloch e Lucien Febvre. O primeiro foi influenciado por classes de análises das Ciências Sociais que se tornou um novo horizonte de estudo chamado de Escola dos *Annales*. Guy Bourd  (1983) faz uma reflexão sobre essa nova escola histórica

Erguendo-se contra a domina o da escola positivista, uma nova tendência historiografia francesa exprime-se bastante discretamente em A Revista de Síntese durante os anos 1920, mais francamente na revista Les Annales durante os anos 1930. A corrente inovadora despreza o acontecimento e insite na longa dura o. (BOURDÉ, 1983 p. 119)

Bloch era contrário ao entendimento de tempo linear e análises que narravam pela sucessão cronológica dos fatos. Foi com essa perspectiva que esse precursor introduziu a permanência na análise histórica, modificando intensamente a forma de pensar a rela o passado-presente-futuro. Ele aceitou que a sociedade   um jogo de intera es e também abriu caminho para sentissem os ritmos de cada uma das partes, verificando aquilo que se mostra em termo de continuidade e mudanças.

A consequência de tudo isso foi o nascimento de novos objetos, novos problemas de novas abordagens sobre os fatos sociais. Não se entendiam mais documentos e institui es

oficiais como *locus* principal da análise histórica, nem a história política tradicional como segmento predileto da historiografia.

A revolução historiográfica transformou o cotidiano social em objeto de investigação, bem como a natureza, o feminismo, a alimentação, as práticas de leitura, os operários, o corpo humano e os temas étnico-raciais foram anunciados como objetos da história. Enfim, a nova História abria-se para investigações na área da história econômica, social e cultural dando ênfase a história de sujeitos coletivos.

Esse foco sugere o estudo de uma sociedade com base em um de seus aspectos particulares. Bloch acreditava que a boa formulação de um problema que se referisse a determinado aspecto da sociedade permitia a revelação das relações históricas mais amplas, nas quais estava inserido.

Daí a necessidade de reforçar nesse capítulo a visibilidade das mulheres dentro de uma perceptiva de longa duração, uma vez que a pesquisa histórica, então, assumiu uma dimensão dialética, na qual a permanência de um aspecto revelava sua mudança, e vice-versa. Ao introduzir os acontecimentos em uma perspectiva de longa duração, os *Annales* permitiram, então, uma relação nova no tempo que passou a ser ordenada por meio da problematização.

Reportando-se a esta questão, vale enfatizar que essa problematização foi de um acontecimento no tempo presente e da interpretação do que esse acontecimento representa em termos de mudanças e permanências na história. Questionar o documento mediante os problemas do mundo tornou-se a operação historiográfica. À luz as considerações de Peter Burke (1997) é possível perceber que:

Segundo Braudel, a contribuição especial do historiador às ciências sociais é a consciência de que todas as “estruturas” estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas. Era impaciente com fronteiras, separassem elas regiões ou ciências. Desejava ver as coisas em sua inteireza, integrar o econômico, o social, o político e o cultural na história total. (BURKE, 1997, p. 55).

Fernand Braudel, outro singular representante de Escola dos Annales, emprestando categorias de análise de áreas como Antropologia, Economia, Sociologia e Geografia, inseriu a ideia de ritmos da temporalidade, dimensionando e diferenciando os eventos que aconteciam no plano imediato (curta duração), no nível conjuntural (media duração) e no estrutural (longa duração).

Diante desse elenco de representante da revolução historiográfica, na década de 1950, principalmente para historiadores ingleses como E.P. Thompson, Raymond Willians e

Eric Hobsbawm, experiência e cultura tornaram-se categorias que orientariam os estudos sobre o proletariado.

Foi diante de todo esse processo de inovação dentro da História que a mulher ganhou destaque. Sabe-se que foi através do movimento feminista dos anos 1960 que os olhares para as questões de gênero, direitos equânimes passaram a ser possibilidade de estudos. Graças também ao empenho de intelectuais da academia que viram a falta de estudos que colocavam a mulher como objeto de estudo, como autora da história. Destarte, é bom enfatizar que a visão existente até então entendia a mulher, dentre outras coisas, associada ao viés religioso proveniente da obra da criação. Como elucida Maria de Fátima da Cunha (2000).

[...] a mulher era percebida como tentadora do homem, aquela que perturbava a sua relação com a transcendência e também aquela que conflitava as relações dos homens entre si. Assim, nessa perspectiva, a mulher passa, então, a ser intimamente ligada à ideia da natureza, à carne, ao sexo, ao prazer, domínios que tinham de ser rigorosamente normatizados (CUNHA, 2000, p.141).

Losandro Antonio Tedeschi (2012) contribui essa realidade de como a mulher era vista, principalmente na Idade Média:

O discurso grego, matriz filosófica de outros discursos, conjuga-se, na Idade Média com o discurso clerical, em que a origem desvalorizada do feminino em Aristóteles sofre uma mudança moral com a construção do mito da Virgem Maria. Dessa forma, o discurso da natureza feminina, os mitos de mulher e mãe, conjugado com o discurso judaico-cristão “predestina” as mulheres para as tarefas da maternidade (TEDESCHI, 2012, p. 17).

Quando vislumbra-se os vários aspectos da condição da mulher dentro da história, é possível identificar que ela é foi retratada pelas categorias diferentes e exclusão. Os períodos que se estendem desde o século XIX ao XX retratam-na como ama de leite, operária ou submissa. E essa imagem que posteriormente foi recusado pelo movimento feminista.

Além disso, os estudos com essa nova temática, desde sua gênese, passou por uma série de dificuldade. Não só pela falta de crédito dado para os historiadores que estudavam a mulher como também a falta de fontes, por exemplo. Em se tratando de fontes, muitos diários foram queimados por elas mesmas como uma tentativa de colocar às ocultas.

Restaria ao pesquisador a sorte de encontrar tais arquivos intactos, posto que a queima dos diários pelas mulheres, para ocultar suas vidas pessoais, era muito comum, atestando, por sua vez, a adesão ao silêncio que a sociedade lhes impunha. (CUNHA, 2000, p. 145).

Os anos de 1970 foram muito importantes porque surgiram movimentos no Estados Unidos e na Europa. Nesses locais, a produção historiográfica foi bastante influenciada pelas correntes marxistas que tinham como objetivo encontrar os signos de opressão capitalista. Os movimentos que eclodiram recusava a ideia de “sexo frágil da mulher” ou “segundo sexo” e reivindicavam para si espaços de atuação política. Dessa forma consoante o que prega Margareth Rago (1995) no Brasil ocorria assim

Portanto, se a história das mulheres, no Brasil, nasce no interior de uma historiografia do trabalho, em 1970, é importante lembrar que esta sofre profundas mudanças ao longo desta década, abandonando o interesse exclusivo pela história dos partidos políticos e sindicatos, para incorporar outros temas que abrangem desde o cotidiano das fábricas até a vida no interior da família, passando pelos valores, crenças e hábitos que marcaram a classe trabalhadora. (RAGO, 1995, p. 84).

Sabe-se que com a Escola dos Annales muitos paradigmas quebraram. No entanto, análises de esquerda foram limitadas, não existia uma relação dialógica saudável entre marxismo e feminismo, principalmente quando se tratavam de temas com teoria e prática.

Na verdade, sempre havia existido uma "mal-estar" na relação entre o feminismo e o marxismo. Quase sempre permanecia certos entraves de ordem teórica e política quando se tentava incorporar a chamada "questão feminina" pelo marxismo. (CUNHA, 2000, p.150).

Eric Hobsbawn e Christopher Hill propuseram uma análise diferenciada com o termo “História Vista de Baixo” tinham a finalidade de tecer estudos com base na natureza política entres as classes. Assim, “o enfoque dicotômico da opressão subordinação era deslocado para as relações de opressão, exploração, submissão, acomodação, luta e resistência” (CUNHA, 2000, p. 152).

Acompanhando a trajetória percorrida neste trabalho é importante se atentar para os anos 1980. Nesses anos, as ideias inspiradoras de Thompson deram suporte para começar as reflexões em torno do caráter político das relações de classes, bem como a passagem da cultura rural para uma cultura urbana.

Na década de 1980, amplia-se largamente o leque temático não apenas em relação à incorporação de novos agentes sociais, como mulheres, prostitutas, loucas, crianças, negros etc., mas principalmente em relação a dimensões da vida social privilegiadas pelos estudos da mentalidade e da sensibilidade. Temas como a história do corpo e

da sexualidade; o poder médico e a loucura; a família, o amor e o pecado; a sedução e o poder, as representações da mulher nos discursos médicos e jurídicos; os códigos da moralidade feminina são incorporados como objetos históricos (RAGO, 1995, p. 84).

Sem sombras de dúvida, o historiador inglês foi de suma importância para o movimento feminista, mas suas ideias chegaram em um ponto que já não mais servia as feministas as quais buscavam um ouro norte para estudar a mulher. Muitas das críticas feitas ao Thompson vieram de historiadoras as quais foram influenciadas por ele.

Rago (1995) ressalta que Joan Scott critica a maneira pela qual Thompson incorpora as mulheres em seu estudo sobre o fazer-se da classe trabalhadora. Para ela, “Scott questiona a representação masculina que Thompson oferece da política e da classe, o que inviabiliza sua percepção das ações e presenças femininas enquanto construções sociais e culturais diferenciadas.” (RAGO, 1995 p. 86).

Com essa perspectiva Cunha (2000) esclarece para ela [Scott], o conceito de classe deveria explicar as diferentes “experiências de homens e mulheres nas relações de produção, ampliando, assim, o conceito de classe, e as relações de poder no interior da própria classe” (CUNHA, 2000 p. 154).

Quando Rago (1995) se propõe a falar das críticas de Scott ao Thompson, ela está voltada na discussão sobre as refutações que a História cultural fizeram à História social da mulher. Para essa autora, a crítica maior a esta historiografia social vem sendo produzida por “teóricos ligados ao pós-estruturalismo, especialmente a Michel Foucault sua Crítica-se a história social por trabalhar com identidades prontas, anteriores ao fazer histórico, e por negligenciar as construções simbólicas e culturais.” (RAGO, 1995, p. 85).

Nesse sentido, vale mencionar o que Francisco Falcon (2002) afirmou em *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Esse autor buscou conceituar a História Cultural dizendo o que ela não é:

[...] a História Cultural não é, em primeiro lugar, uma entre as muitas outras disciplinas históricas especializadas e definidas em função das respectivas temáticas. Em segundo, não é um certo tipo de enfoque ou de abordagem (ou, pelo menos não seria somente isso); e em terceiro lugar, não é apenas um espaço ou uma dimensão real como algo distinto ou separado ou até situado em termos hierárquicos, e definidos em relação a outros espaços/regiões desse mesmo real. (FALCON, 2002, p. 79).

Como se pode perceber conceituar a mulher seguido o rigor metodológico da História Cultural não é uma tarefa muito fácil para o historiador. É por isso que Rago (1995) preconiza que é a ênfase na desnaturalização dos objetos, conceitos e campos históricos se

radicaliza. É interessante preconizar que, conforme Tedeschi (2012), a História Cultural é uma possibilidade de se estudar as representações da mulher.

Entendemos que, para trabalhar com representações sobre as mulheres na historiografia, uma das possibilidades seria a aproximação com a História Cultural, pois tem uma especial afeição pelo informal, pelo popular, pelo resgate do papel de grupos sociais invisíveis na história, por uma abordagem plural na investigação histórica. (TEDESCHI, 2012, p. 21).

Outro ponto importante, é o entendimento de gênero. Essa foi uma categoria de análise iniciada nos anos 1980 e que Scott foi uma referência nessa discussão. Nota-se que o primeiro passo para se estabelecer essa categoria foi o processo de conceituação do termo, bem como os seus objetivos.

Os estudos de gênero desenvolvidos a partir da década de 1980 buscaram tecer estudos sobre as relações entre homens e mulher, homem e homem, mulher e mulher. Esse estudo relacional permitiu desconstruir a mulher como sujeito de mudanças. Além disso, teceram críticas em torno das generalizações posta as mulheres como, por exemplo, ela ser sempre branca e de classe média.

Destarte, Cunha (2000) ressalta um aspecto de suma importância para o entendimento do conceito de gênero e como eram feitas as pesquisas. A distinção entre sexo e gênero é a base.

A fim de melhor esclarecimento, creio que seja necessário definir de forma mais clara o que se concebe atualmente como gênero. Recorrentemente, o conceito de gênero é utilizado para desnaturalizar papéis e identidades atribuídas ao homem e à mulher. Diferencia-se também sexo (a dimensão biológica) de gênero (uma escolha cultural, um produto construído social e Historicamente) (CUNHA, 2000, p. 155).

Por outro lado, Tedeschi (2012) ajuda tornar pertinente a discussão sobre a complexidade do conceito de gênero. Ele entende que a utilização do conceito de gênero embute a ideia de que as relações sociais constituem-se em relações antagônicas e conflitivas. A utilização desse conceito também embute o estudo das implicações das diferenças entre os papéis econômico e social das mulheres e dos homens, facilitando a superação da desvalorização atribuída aos trabalhos realizados pelas mulheres

E interessante pesar as novas abordagens nos estudos sobre a mulher, sem sombras de dúvidas as temáticas que pensaram tal estudo buscaram enveredar por um caminho diferente do que secularmente se estabeleceu, fugindo de uma ótica onde a mulher

foi vista apenas para reprodução, onde os intelectuais estavam iluminados pelo patriarcalismo latente na sociedade.

Sabe-se que essas novas tendências ainda lutam contra o androcentrismo. Essa forma de pensar ainda é uma problemática que não permite avançar rapidamente nos estudos, principalmente refletir sobre as relações sociais homem e mulher, uma vez que o androcentrismo que impregna o pensamento científico.

Diante dessa situação, as novas reivindicações como das feministas em educação, por exemplo, voltam-se para as contradições existentes na contemporaneidade. Se direcionam para a relação e o desempenho das mulheres dentro sistema educacional. Estudos recentes mostram que as mulheres têm dificuldades se ser inseridas em algumas posições dentro do sistema educacional. Como afirma Tedeschi (2012).

São importantes, nessa perspectiva: as estratégias discriminatórias pelas quais as mulheres têm dificuldades de acesso ao sistema educacional de forma geral e a certas carreiras educacionais em particular; os preconceitos em relação a seu cultivo de determinadas disciplinas (matemática/ ciências); (TEDESCHI, 2012, p. 112).

Esta nova perspectiva de gênero está retornada a reconhecer que tipo de característica e de colaboração existe entre os trabalhos desempenhados pelos homens e mulheres. Destarte, o interesse é resgatar o vasto conjunto diversificado dos papéis desempenhados pelas mulheres, considerando-as como agentes e atores e não exclusivamente como indivíduos beneficiados no interior homogêneo dos núcleos familiares ou invisíveis no interior da população.

Esse instrumento de análise e reflexão também foi mister ao trazer à luz a questão da “diferença” em noções que focalizavam a concepção de singularidade nas categoria masculino e feminino no bojo da História. Jamais pode esquecer que uma das queixas aos tradicionais estudos sobre as mulheres era a utilização da categoria “mulher” como entidade social e empírica fixa, numa perspectiva essencialista que perde as multiplicidades de sujeitos subsumidos em tal categoria.

Pode-se afirmar que na contemporaneidade, portanto, são visíveis os ganhos resultantes da historiografia com a interação entre História Cultural e a categoria gênero. Aumentam-se as condições para se trabalhar com relações e perceber por meio de que procedimentos.

Ainda conforme Tedeschi (2012) atualmente há um movimento no sentido da recusa à denominação história das mulheres pelas suas limitações teóricas e metodológicas, e que propõe ver as mulheres na história de uma forma integrada e não segregada, por meio do

emprego da noção de gênero, que permitiria ampliar e dinamizar os estudos. Interessa modificar o enfoque da historiografia tradicional que segrega, quando não ignora as mulheres, e o radicalismo dos próprios trabalhos feministas, que excluía o masculino do seu quadro de referência.

Diante desse elenco, não se pode deixar de mencionar uma fonte metodológica que há muito tempo vem sendo uma forte aliada da pesquisa histórica, a história oral. Duas categorias que merecem bastante destaque por ter conquistado espaços que também lhes foram negados. Sabe-se que muitos historiadores tradicionais não viram com bons olhos a história oral bem como a memória. Sobre a oralidade veja o que esse autor relata.

Os testemunhos orais podem ser utilizados de forma relevante para a história política, contribuindo para o estudo histórico de atitudes políticas da maioria da população não organizada e silenciada, como pode fornecer informações ignoradas das atitudes de mulheres e homens inseridos em movimentos sociais, em nível de suas raízes. (TEDESCHI, 2012, p. 120).

E sobre a memória, ele é enfático ao dizer que A memória, entretanto, é parte integrante da construção da identidade de indivíduos ou sociedades, envolvendo elementos diversificados, não oficiais, não dominantes e que enriquecem a história social.

Para o autor, no fazer histórico sobre a questão feminina há certos problemas. Um deles é a falta de historiadores, homens e mulheres, que interpretem com maior frequência o estabelecimento, o início e a importância dos fatos históricos que envolvem as mulheres, em razão da falta de um maior número de pesquisas regionais ou sínteses, que nos permitam resgatá-las de regiões onde o tema ainda não despertou vocações.

Diante do que foi exposto, percebe-se que o processo de atenção ao estudo das mulheres ocorreu através de muitas lutas intelectuais. Quando se traz um tema colocado à margem da sociedade e que abala a ordem estabelecida, muitas dificuldades são colocadas justamente para estancar o desenvolvimento de tais pesquisas.

Assim, o capítulo que se segue buscará tecer um estudo das mulheres tendo como fonte de pesquisa o livro didático brasileiro. Esse guia do professor assume um papel de grande relevância nas construções mentais dos educandos. A capacidade dele ser um aparelho ideológico do Estado permite o profissional da história tecer as suas análises em torno do livro didático, pois ele não pode escapar ao olhar do historiador, bem como do professor.

4 - O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: análise sobre a visibilidade da mulher

Tendo-se aprofundado no processo de estudos da mulher dentro da historiografia, percebeu-se que se deu através de diversas lutas e debates por parte do movimento feminista e dos intelectuais da historiografia. Nesse capítulo será apresentado o livro didático de História e análise da visibilidade da mulher. Circe Maria Fernandes Bittencourt (2009), salienta que o livro didático é um objeto de difícil definição.

Essa mesma autora destaca que existe uma diferenciação entre o livro didático e outros livros. A preocupação das autoridades governamentais em torno das avaliações e análises dos livros escolares é algo de muito tempo. O livro de História tem sido muito vigiado por organismos internacionais no sentido de tecer críticas em torno de visões estereotipadas de determinados grupos.

Por isso que existem muitas pesquisas que apontam o livro didático como instrumento ideológico do estado, garantidor da chamada escola dualista ³ e acrítico a ordem vigente, que é o capitalismo. Alline Mikaela Pereira (2013) ratifica essa informação quando diz que:

Tal representação social se configura diante das várias questões que envolvem o livro didático, conforme apresentamos na introdução deste trabalho o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura que geralmente se referem à cultura dominante burguesa e branca (PEREIRA, 2013, p.22).

Diante do exposto, percebe-se que realmente é não é fácil a tarefa de análise do livro escolar, visto que eles não são neutros e cabe ao pesquisador direcionar o seu olhar para as reais deficiências de conteúdo, bem como as lacunas e erros conceituais. Bittencourt (2009) complementa essa discussão relatando onde está a problemática nas análises do livro:

No entanto, o problema de tais análises reside na concepção de que seja possível existir um livro didático ideal, uma obra capaz de solucionar todos os problemas do ensino, um substituto do trabalho do professor. O livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza e é nesse sentido que precisa ser avaliado (BITTENCOURT, 2009, p.300) .

³ A escola dualista é um entendimento de que esta forma pessoas para o mercado de trabalho, destinada à classe proletariada, e forma para profissões de elite, destinada a burguesia.

Destarte, o livro didático ocupa diferentes funções em razão das situações escolares. Ele pode ser considerado como produto cultural ou material. Enquanto produto cultural é carregado de inúmeros valores construídos. Em sua dimensão material, está ligada a lógica da indústria, do sistema capitalista.

Assim o Estado, está sempre presente interferindo no processo de elaboração dos conteúdos escolares e em seguida avalia-lo. E esse complexo do livro permite entender o motivo dos intensos debates e críticas de que ele é alvo.

Por esses motivos citados acima se percebe que o livro didático de História pode ser utilizado como objeto de pesquisa. A autora supracitada explica que as pesquisas com livros didáticos de História tem sido dos mais visados. No Brasil esta realidade não é diferente, mas as pesquisas existentes estão voltadas para uma perspectiva ideológica.

Para tanto, a análise do livro didático nesse capítulo obedecerá três aspectos básicos que para Bittencourt (2009) é imprescindível para entender as propostas de análise. Esses aspectos são: forma, conteúdo histórico escolar e seu conteúdo pedagógico.

Na perspectiva da forma, a análise será iniciada pela capa do livro a qual fornece propriedades que perpassam pelas cores, imagens e até mesmo o título. Às vezes na capa está, contidas informações as quais, ao serem avaliadas, o profissional percebe que há discordâncias.

É comum encontrar na capa dos livros as indicações sobre eles “estarem de acordo” com tal ou qual proposta curricular – nos tempos mais recentes, com os PCN. Tais afirmações da editora nem sempre se confirmam no interior da obra (BITTENCOURT, 2009,p.312).

Observando tal pensamento, percebe-se que na análise formal a qualidade do papel e as reproduções fazem parte do universo mercadológico. Geralmente nos livros as páginas primeiras apresentam um processo de confecção dos livros. Isso tudo é muito importante, visto que permite ao professor e aluno identificarem os autores envolvidos. Obedecendo a forma é possível perceber apresentação gráfica e como está dividido cada tópico, tais como: a introdução ou apresentação da obra, índice, glossários e a bibliografia.

Em se tratando dos conteúdos escolares, o olhar de quem analisa deve estar voltado para a concepção de história do autor, ou seja, como o livro didático de História foi construído com base nas produções historiográficas. Assim sendo, a análise da bibliografia ajuda a entender em qual tendência da História determinado autor utiliza;

Análise da bibliografia, assim como da seleção de documentos excertos de determinadas obras historiográficas, contribui para a percepção da tendência histórica predominante. A bibliografia indica também o nível de atualização do autor do livro, ao passo que a indicação de leituras complementares para professores e alunos é outro elemento importante para a verificação (BITTENCOURT, 2009, p. 313).

Pode-se observar que a autora levanta um problema que é a forma que são apresentados os conteúdos históricos. Ao conhecimento pode aparecer nos livros de forma sucinta, sem divergências desconsiderando o debate. As críticas que são feitas em torno do livro didático se dão porque é um texto impositivo e que não permite a reflexão de forma contestatória.

Dando prosseguimento aos aspectos de análise dos livros didáticos, os conteúdos pedagógicos são importantes uma vez que eles ajudam a entender a diferenciação entre formação e aprendizagem. Assim sendo, importante distinguir a capacidade que o livro tem em transmitir um acontecimento histórico e a melhor forma de apreender o conhecimento.

É importante perceber a concepção de conhecimento expressa no livro; ou seja, além de sua capacidade de transmitir determinado acontecimento histórico, é preciso identificar como esse conhecimento deve ser apreendido. O conjunto de atividades contidas em cada parte ou capítulo fornece pistas para avaliar a qualidade do texto (BITTENCOURT, 2009, p.315).

Sem sombra de dúvidas, o papel do docente enquanto mediador do conhecimento é de suma importância. (O conhecimento que está contido no livro depende de como o professor ministra suas aulas, ou seja, a aprendizagem significativa é um instrumento que favorece essa realidade.)

Uma aula de história que seja significativa é primordial que o aluno tenha a oportunidade de fazer comparações, estabelecer diferenças entre os acontecimentos históricos, bem como analisar documentos expostos nos capítulos afins de que o conhecimento em história não seja apenas uma sequência de datas, causas e consequências, simples memorização.

Agora, dar-se-á análise das imagens contidas nos livros. Para tanto, é importante destacar como será a configuração dessas análises. Foram escolhidos quatro livros didáticos de História do ensino fundamental series finais. Esses livros, são da coleção *projeto mosaico* cujos autores são Claudio Vicentino e José Bruno Vicentino da editora Scipione do ano de 2015.

O livro segue o mesmo padrão em todos os volumes. Cada volume dividido em oito módulos que abordam temas amplos, e essas por sua vez são divididos em capítulos com temas mais específicos. A abertura do livro se dá com um texto de apresentação, introduzindo o estudante aquilo que ele descobrirá ao longo do livro ao longo do ano letivo.

Os autores tiveram a preocupação de ilustrar como a obra é estruturada. Em *por dentro da obra* são apresentadas para aluno as seções especiais. Cada módulo é formado por capítulos. No início deles estimula o educando a refletir e a relacionar passado e presente. Há também um globo e uma linha do tempo que informam os locais (onde) e as datas (quando) mais significativas do assunto tratado. É bom enfatizar que nesse trabalho se observará nas linhas do tempo em que momento a mulher é retratada.

Nas aberturas de cada módulo a sempre uma página dupla com imagem impactante e breve texto de introdução aos principais temas que serão tratados. Existem caixas-quadros com discursão de alguns conceitos ou abordagem históricas e aprofundamentos de um determinado tema do capítulo.

Além disso, ao final de cada capítulo uma síntese dos principais tópicos estudados. A escrita é estimulada como uma atividade especial que exercita a escrita de diferentes tipos de texto. O livro trabalha com documentos, no final de todos os capítulos o aluno poderá conhecer e analisar os mais diferentes tipos de documentos históricos.

Em ponto de encontro valoriza a interdisciplinaridade, relacionando a história com outros saberes, disciplinas e áreas do conhecimento. Existe uma seção que aparece apenas duas vezes no volume. Nela há um estímulo à discussão de direitos e questões importantes na atualidade e a prática cidadã. No final do volume traz dicas de filmes, livros, músicas e sites relacionados aos temas de cada capítulo.

Diante dessa apresentação, cumpre-se o dever de analisar a visibilidade da mulher no livro do sexto ano. De início é importante conhecer as capas dos livros cuja análises aconteceram. A figura abaixo faz referência às capas dos livros de cada ano. Nelas se percebe alterações nas imagens arquitetônicas de determinados locais do planeta. O título e o nome dos autores vêm em destaque em branco em cima de um quadro laranja. Conforme ilustra a figura 1 a seguir.

5 - COLEÇÃO MOSAICO: nosso corpus analítico

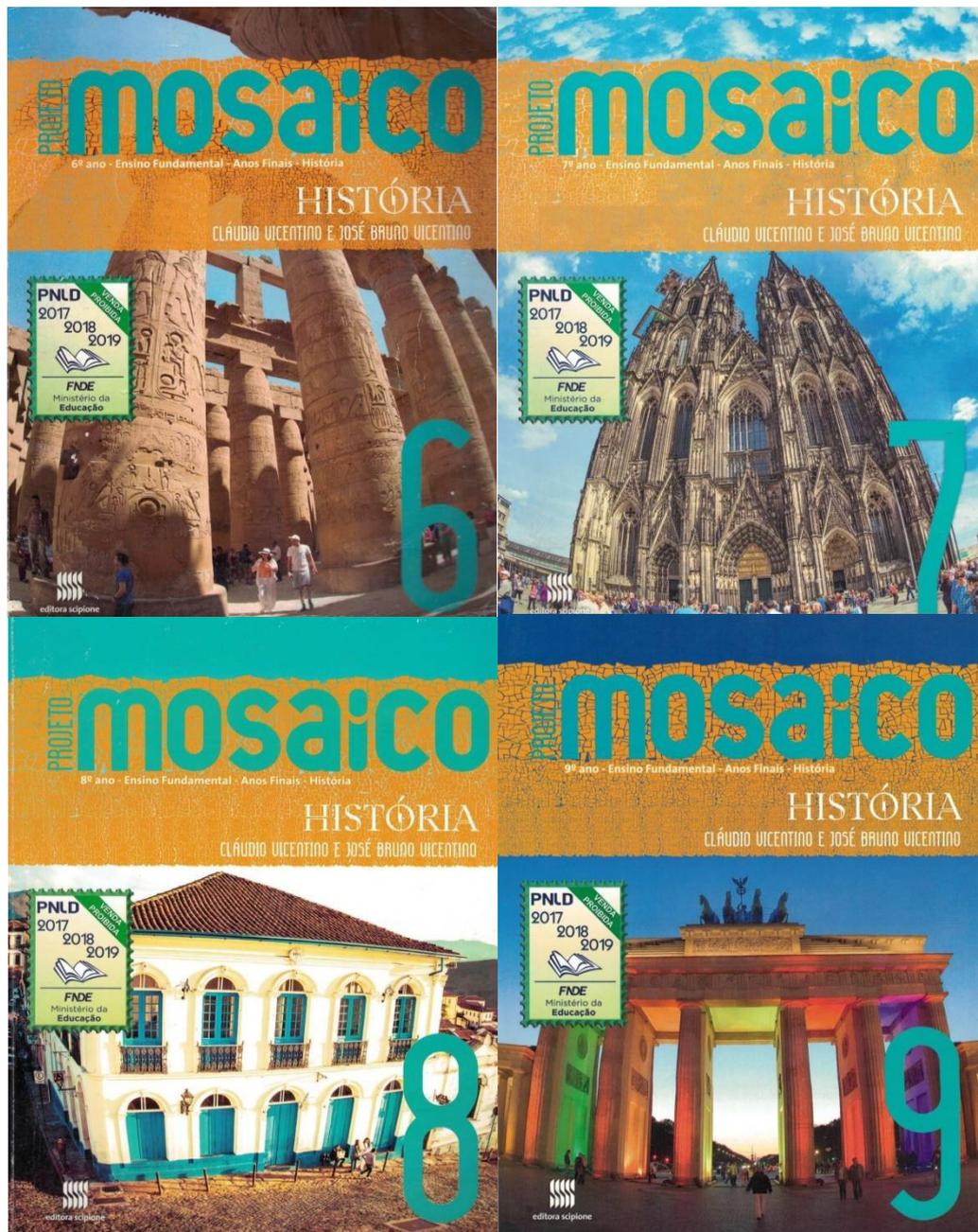


Figura 1: Capas dos livros 6º ao 9º ano.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Assim, as capas dos livros Luciana Vieira (2014) comunga com a ideia de que o interpretante capta apenas o que é relevante para a sua análise emergente. Em um primeiro olhar logo se percebe que, dentre as capas dos livros, aparecem mulheres ao lado de homens. No entanto, as mulheres retratadas aparecem sem ênfase, uma vez que o autor deu notoriedade aos pontos turísticos.

As mulheres em Roma

A situação das mulheres variou muito ao longo da história romana. Embora fossem excluídas oficialmente da vida política, em geral elas tinham mais participação na sociedade que as mulheres da Grécia.

O principal papel a ser assumido pelas mulheres romanas era o de esposa e mãe. Eram os chefes de família que escolhiam com quem suas filhas deveriam se casar, podendo realizar o casamento quando elas completavam 12 anos.

Mas embora estivessem quase sempre sujeitas ao poder de um homem, principalmente do pai (o chefe da família) ou do marido, as mulheres romanas frequentavam espaços públicos, como o teatro e os tribunais, e assumiram diferentes papéis e ofícios na Roma antiga: comerciantes, sacerdotisas, parteiras, prostitutas...

Além disso, a família romana se transformou com o expansionismo romano (que veremos adiante), as guerras e a ausência ou morte dos maridos. Graças a essas mudanças, as mulheres conquistaram o direito à herança dos bens paternos e puderam administrar o seu patrimônio.

As mulheres que sabiam ler e escrever eram proibidas de tornar público seus escritos. Por isso, o estudo das práticas e representações femininas geralmente é realizado com base em textos escritos por homens. A análise de representações artísticas em mosaicos, esculturas, pinturas, etc. e de objetos cotidianos permite ampliar o conhecimento sobre o papel da mulher na sociedade romana.



Pintura em mural de Pompeia, datada do século I d.C.

Figura 2: Pintura em mural de Pompeia, do século I d. C. As mulheres em Roma.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Dando prosseguimento às análises referente ao 6º ano a primeira figura (02) da mulher se dá em página dupla na página 108 e 109 com uma discussão sobre a igualdade de gênero e valorização da mulher. É uma parte do livro dedicada a tecer reflexões sobre o processo de exclusão da mulher e como ela foi vista no passado até os dias atuais.

JEITOS de mudar o MUNDO

IGUALDADE DE GÊNERO E VALORIZAÇÃO DA MULHER

Já estudamos como algumas comunidades humanas começaram a se organizar e deram origem às sociedades mais populosas da Antiguidade. No Egito antigo (e na maioria das sociedades do período), os homens assumiram o comando político e econômico, e as mulheres, o domínio do espaço doméstico, os cuidados com os filhos e a produção artesanal e agrícola. Embora tenham existido situações nas quais as mulheres assumiram outras funções ou conseguiram espaços mais amplos de atuação social, temos aí, provavelmente, o início de um processo histórico que produziu as desigualdades entre os gêneros (masculino e feminino).

Apesar das muitas transformações ocorridas através dos séculos, essas desigualdades ainda insistem em deixar suas marcas nos dias atuais. Vamos refletir sobre as origens históricas dessa desigualdade e sobre as possibilidades de modificar esse quadro por meio de pequenos gestos que promovam a valorização da mulher e a igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos.

Objetos, estatuetas, pinturas rupestres e outros vestígios encontrados nas escavações pré-históricas permitem supor que, em geral, a divisão de tarefas entre homens e mulheres estava ligada à sobrevivência dos grupos. A alimentação era baseada principalmente na caça, atividade que exigia força e era perigosa. As mulheres, por engravidarem e por cuidarem dos filhos (por amamentarem), devem ter sido preservadas desses riscos. Passavam mais tempo nos abrigos e cavernas e devem ter desenvolvido técnicas de fabricação de utensílios, como esteiras, cestos e roupas de peles de animais. A importância dada à fecundidade feminina por esses povos fica evidente em estatuetas encontradas em diferentes partes do mundo.

Acima, a "Vênus de Willendorf", como ficou conhecida esta estatueta encontrada na Áustria em 1908. Esculpida em calcário há cerca de 15 mil anos, ela apresenta formas femininas volumosas e arredondadas, lembrando uma mulher grávida.

Estatueta feminina egípcia, datada entre 2 mil e 1,7 mil a.C.

Estatueta feminina egípcia, datada por volta de 2 mil a.C.

108

Figura 3: Igualdade de gênero

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Essas imagens são de estatuetas de mulheres anteriores a Era Cristã. Acima, a “Vênus de Willendorf” (Figura 03), como ficou conhecida esta estatueta encontrada na Áustria em 1908. Esculpida em calcário há cerca de 15 mil anos, ela apresenta formas

femininas volumosas e arredondadas, lembrando uma mulher grávida. No Egito antigo, as funções políticas e burocráticas eram de domínio masculino. Houve exceções, como a rainha Cleópatra, e algumas poucas mulheres que chegaram a ser escribas.

Mas comparadas às mulheres das outras civilizações antigas, em alguns períodos as egípcias possuíam situação consideravelmente privilegiada, já que podiam ser proprietárias de terras, atuar como testemunhas ou autoras de processos nos tribunais e ainda se divorciarem. Algumas pinturas e esculturas costumavam representar a pele das mulheres numa tonalidade mais clara do que a dos homens.

Alguns estudiosos acreditam que isso se deve ao fato de que essas mulheres exerciam tarefas mais restritas no ambiente doméstico, enquanto os homens desempenhavam mais funções ao ser livre. É bom lembrar que nem todas as pinturas e esculturas fazem às mulheres da elite. Acredita-se que no campo, por exemplo, as mulheres trabalhavam na lavoura ao lado do marido.

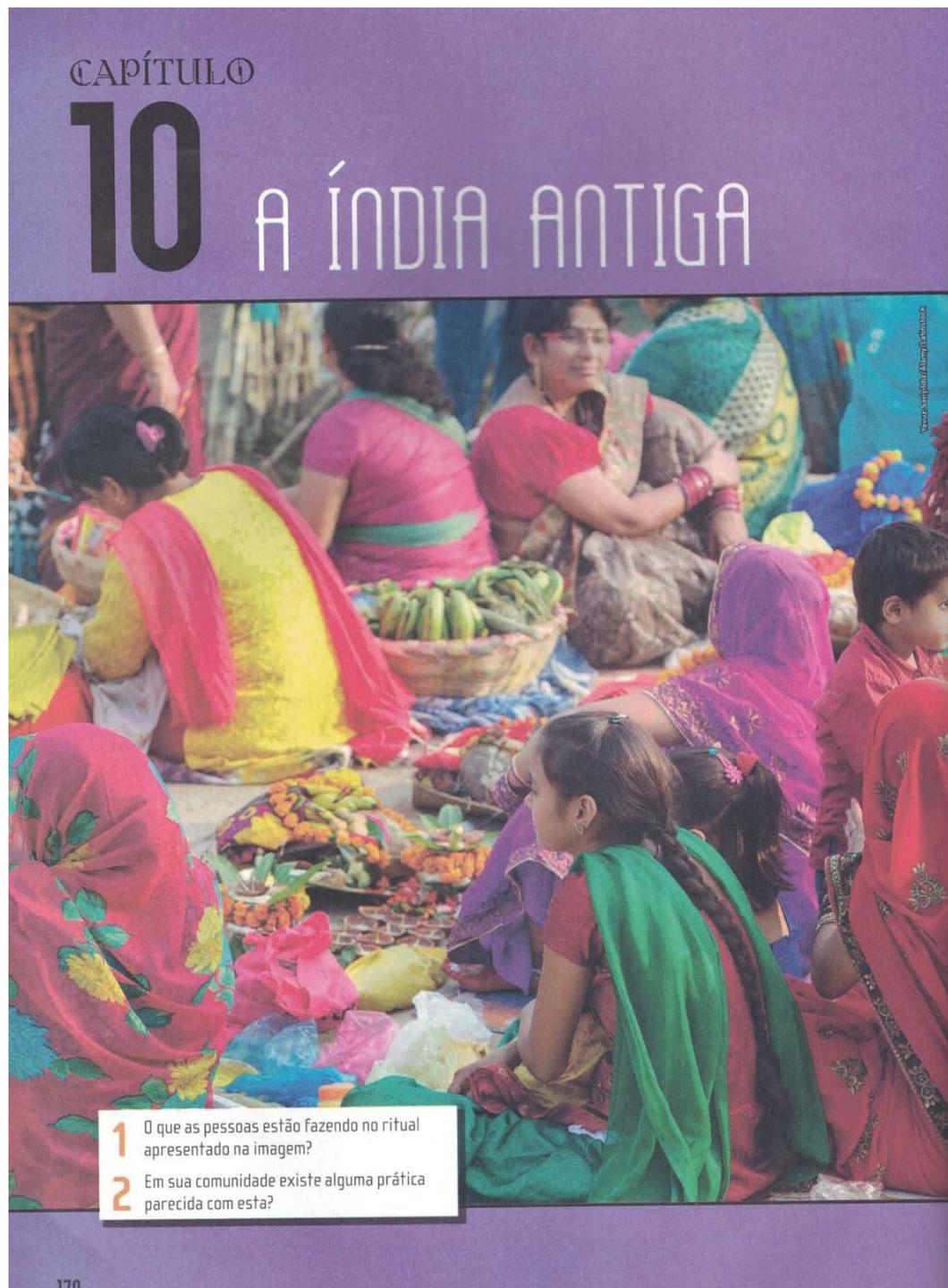


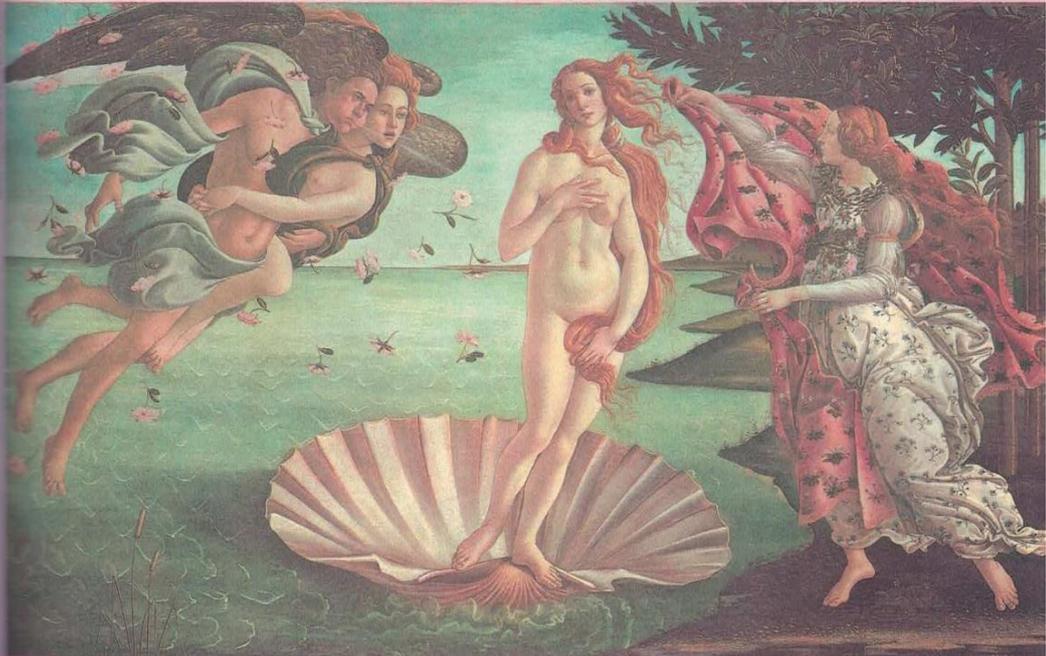
Figura 4: Mulheres indianas em ritual.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

No livro do sexto ano, na página 170, abre o quarto capítulo com fotos de mulheres indianas (figura 04). A foto mostra mulheres durante festival religioso Chhath Puja, na beira do rio Ganges, em Varanasi, na Índia, em 2014. Durante este festival, os hindus jejuam, oram, entregam oferendas e veneram a deidade Surya, associada ao sol e à vida na Terra.

Trabalhando com DOCUMENTOS

Observe atentamente a reprodução da pintura *O Nascimento de Vênus*, abaixo, e depois responda às questões.



O Nascimento de Vênus (1485), de Botticelli, é uma pintura que representa um mito greco-romano da Antiguidade. Vênus, a deusa do amor e da beleza, é retratada no centro do quadro, com o deus do vento e duas ninfas: uma à esquerda e outra à direita.

1. Com relação à forma:
 - a) Compare as cores utilizadas nessa pintura com as cores utilizadas pelos artistas medievais.
 - b) A pintura é estática ou sugere movimento? Justifique sua resposta.
 - c) Que aspectos da pintura revelam tratar-se de uma obra renascentista?
2. Com relação ao conteúdo:
 - a) Qual é a relação entre os personagens retratados na tela (deuses e ninfas) e o Renascimento?
 - b) A deusa da tela se parece com os santos católicos representados nas pinturas medievais, analisadas nos capítulos anteriores?
 - c) Quais valores renascentistas estão presentes na pintura?

MÓDULO 4 - 161

Figura 5: Nascimento de Vênus.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Passando para o livro do sétimo ano, há o olhar dela enquanto deusa (figura 05). É interessante tecer uma reflexão a respeito de como a mulher é aqui vista. A mulher é retratada através de sua sensualidade. A obra de arte *Nascimento de Vênus* é uma pintura que representa um mito grego-romano da Antiguidade. Vênus, a deusa do amor e da beleza, é retratada no centro do quadro, com o deus do vento e duas ninfas: uma a esquerda e outra à

direita. Primeiramente, vale notar sua ligação com a noção clássica de Vênus pudica, ou seja, da figura nua que cobre com uma das mãos sua genitália, enfatizando exatamente o que se pretende ocultar. Uma possível inspiração pode ter sido a estátua Vênus de Médici, que também apresenta o mesmo gesto pudico e despido de senso erótico da deusa de Botticelli.

Larissa Sousa de Carvalho (2008) ao debruçar seus estudos sobre essa obra de arte, percebe que as indumentárias comunicam muito sobre essa determinada época e como a mulher era percebida na sociedade antiga. Assim, essa autora ajuda a analisar essa obra observando e “a figura da Vênus desperte no espectador algo semelhante ao entusiasmo religioso proveniente de sua beleza.” (CARVALHO,2008 p. 319).

Com essa obra de arte, a visão que é passada para os alunos é da mulher enquanto um ser totalmente diferente. Mas o que inquieta é saber que essa deusa, especificamente, tem características sensuais. Assim, tal olhar fortalece ainda mais a concepção do ser feminino ligado à procriação ou algo no sentido libidinoso.

Uma imagem do livro do sétimo ano cujo objetivo é introduzir um capítulo que mencionava a relação entre os povos africanos e a conquista dos portugueses, merece destaque. Isso porque é dado vislumbrar a mulher negra sentada e descalça vendendo verduras em uma feira. O livro colocou-a com o intuito de chamar a atenção do aluno para explicar a importância dessa atividade na expansão dos reinos africanos.

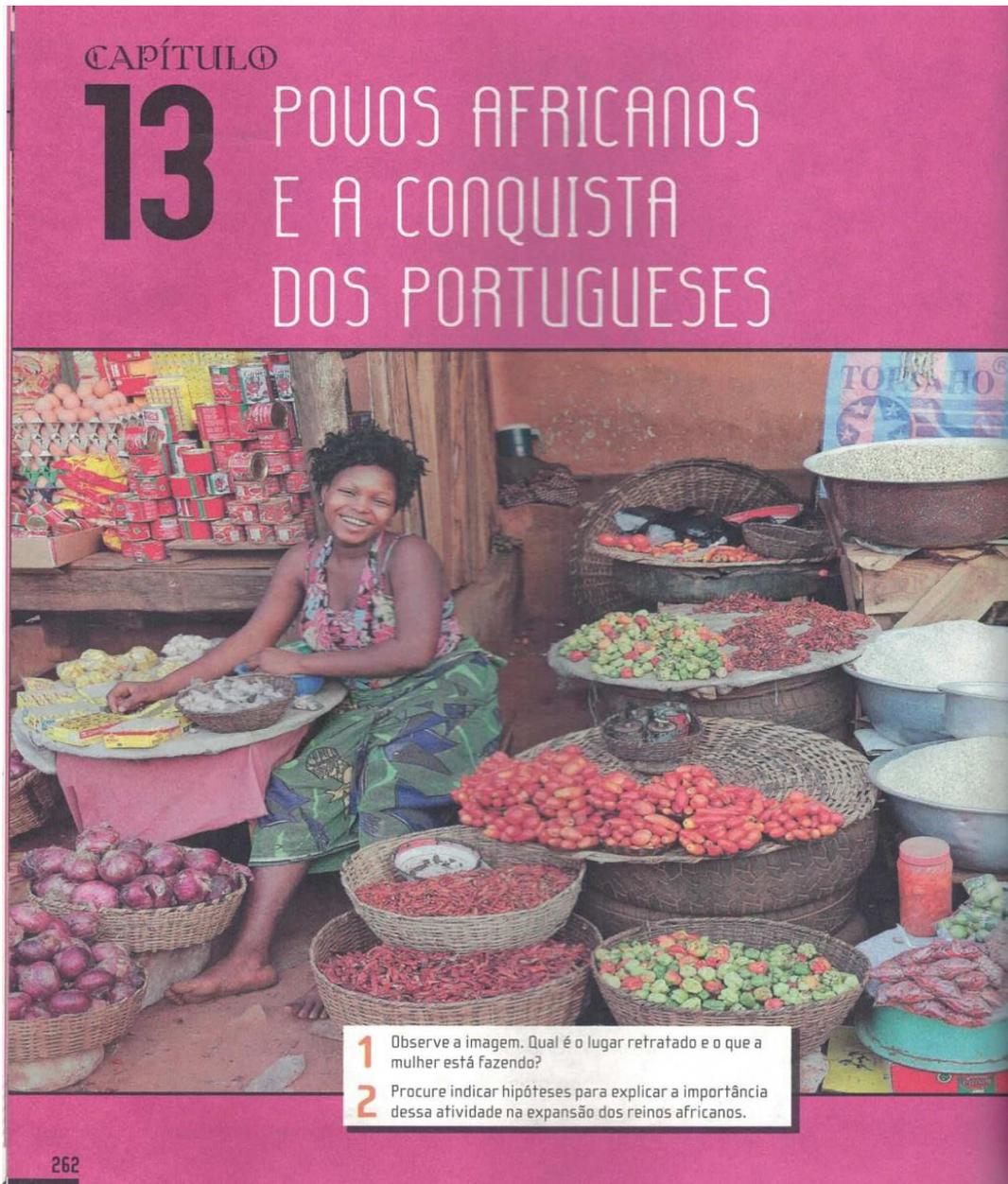


Figura 6: Feirante Negra.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Assim, ao aprofundar a análise dessa imagem associando ao título do capítulo é possível perceber que ela induz a pensar que durante o processo de conquista, quem saiu perdendo foram os africanos. O africano foi quem ficou na condição de vendedor ambulante, sem salário fixo, sem dignidade. Não foi colocada uma mulher branca para representar essa realidade. Destarte, a mulher negra é aquela que melhor ilustra a consequência da situação de escravidão africana.

Letícia Thaynã de Queiroz Alves (2016) afirma que ao analisar a iconografia presente no livro didático referente ao período da escravidão, o que se pode encontrar é o negro trabalhando, sendo castigado, em cativo e as mulheres com os corpos expostos totalmente nus. O livro didático muito pouco aborda sobre as formas de resistência, e muitas

vezes propiciam interpretações equivocadas, que acabam deixando a entender que os africanos foram passivos á escravidão, principalmente as mulheres que quase nunca são citadas como referencial de resistência.

A discriminação da mulher negra pelo livro didático é uma realidade, e que quando representada é demonstrada de forma que possa alimentar estereótipos racistas que há anos se mantêm vivos e acabam sendo repassados no âmbito escolar através do livro didático que se mantêm deficientes em conteúdo. (ALVES, 2016, p. 07)

Porém, nem só de tiranias e submissão foi composto o passado das mulheres na história. Apesar de condenada pela Igreja e pelos homens, a prática de leitura foi adotada por muitas aristocratas e burguesas. Mas houve mulheres que chegaram mais longe no desafio à ordem estabelecida. Entre estas, podemos destacar Louise Labé (1526-1566) .

Durante o Antigo Regime, a educação (tanto de homens como de mulheres) tornou-se a preocupação de muitos pensadores, e diversas obras sobre o assunto foram publicadas. Uma delas dedicava-se exclusivamente ao sexo feminino: *Tratado da Educação das Moças*, escrito em 1696. Para o autor do tratado, o francês François Fénelon, era importante que as jovens aprendessem a ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas, mas apenas para as utilizarem em suas atividades de esposa e mãe. Fénelon desencorajava a leitura de poesias e a apreciação de música e pintura, que poderiam desviá-las de suas tarefas domésticas e, pior ainda, estimular sua imaginação.

Desafiando a ordem masculina

Apesar de condenada pela Igreja e pelos homens, a prática da leitura foi adotada por muitas aristocratas e burguesas. Mas houve mulheres que chegaram mais longe no desafio à ordem estabelecida. Entre estas, podemos destacar Louise Labé (1526-1566) e Marie de Gournay (1565-1645).

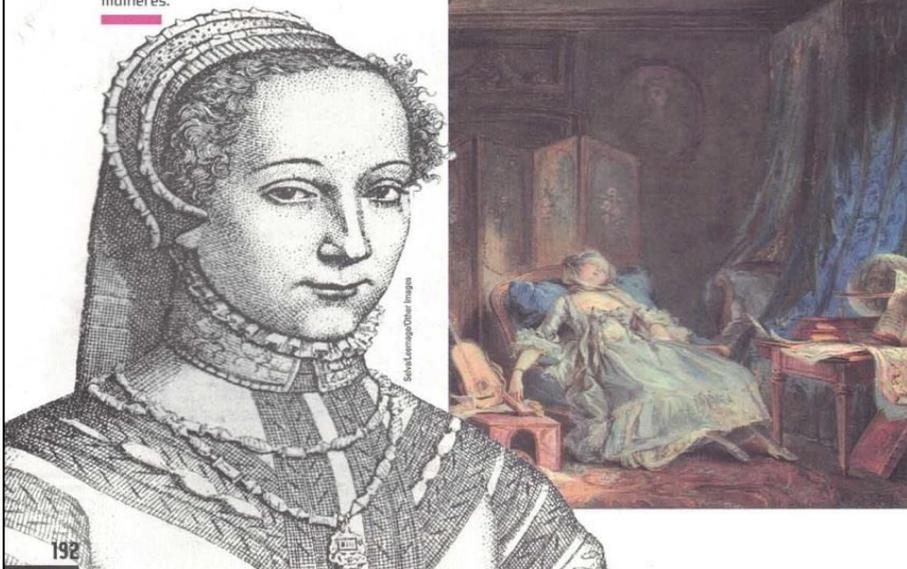
A poetisa Louise Labé ficou conhecida por praticar atividades tipicamente masculinas. Originária da alta burguesia francesa, teve uma educação bastante refinada para a época. Vestida de homem, lutou em combates armados e chegou a participar de um torneio de esgrima. Escreveu poemas sob o pseudônimo de Olivier de Magny. Também publicou *Debate da loucura e do amor* (1555), em que defendia o direito das mulheres de escolher seus parceiros e receber educação.

Marie de Gournay, por sua vez, é autora de *A igualdade de homens e mulheres* (1622), obra considerada precursora do feminismo.

Outras mulheres literatas dedicaram sua vida a combater a **misoginia** da sociedade do Antigo Regime. Pouco se sabe sobre elas, pois as obras que escreveram ou foram destruídas ou adulteradas.

♦ **misoginia:**
aversão às
mulheres.

Louise Labé em
gravura do século
XVI. Seus textos
desafiaram as
restrições sociais
e intelectuais
impostas às
mulheres.



Museo de Artes Decorativas, Paris, França. Arquivo da editora

**Insubmissão
feminina: música
e leitura no
cotidiano de uma
aristocrata.**
Guache sobre
tela, de autoria
de Pierre-Antoine
Baudouin
[1723-1769].

Figura 7: Desafiando a ordem masculina.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Ela ficou conhecida por praticar atividades tipicamente masculinas. Essa imagem com título de *Desafiando a ordem masculina* mostra que se pode encontrá-las também se movimentando em seus espaços sociais, negociando, exigindo seus direitos e construindo suas redes de solidariedades. Não só ela, mas outras mulheres dedicaram sua vida a combater a misoginia da sociedade do Antigo Regime. Pouco se sabe sobre elas até porque muitas outras obras foram destruídas.

Ao debruçar-se no livro do oitavo ano, a primeira identificação de conteúdos que retratam a mulher na história é uma iconografia do século XIX. Nesse período, além do cotidiano nos espaços públicos, a vida doméstica também foi tema de muitas obras de arte. Na imagem a seguir, o pintor Cézanne representa sua irmã e sua mãe em uma típica cena doméstica da época.

Neste período, além do cotidiano nos espaços públicos, a vida doméstica também foi tema de muitas obras de arte.

Na tela a seguir, Paul Cézanne representa sua irmã e sua mãe em uma típica cena doméstica da época.



Menina tocando piano, de Paul Cézanne, de 1869, óleo sobre tela. Cézanne representa a cena do ambiente interno de uma casa, sem idealização ou individualização das personagens, fazendo com que o particular se mostre universal.

❖ Identifique a pintura

1. Descreva a cena representada por Cézanne. Observe o uso que o pintor faz dos tons claros e escuros. Quem está em destaque no quadro? Qual a cor de sua roupa?
2. Com relação às cores e técnicas utilizadas, como as mulheres e o ambiente foram representados por Cézanne?

❖ Analise a pintura

3. Que elementos da imagem permitem perceber que as mulheres retratadas por Cézanne pertencem a um grupo social de elevado poder econômico?
4. Compare as pinturas de Renoir e de Cézanne e aponte semelhanças e diferenças entre elas.

❖ Crie hipóteses sobre o contexto das obras

5. De acordo com o contexto da época de Renoir e Cézanne, aponte os motivos que levaram alguns pintores do século XIX a se interessar por representar também a vida burguesa em suas obras.

Figura 8: Menina tocando piano.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

No âmbito de hoje, as mulheres se produzem para ser amadas. Já no século XIX, a mulher tinha que ser doce e elegante, sua beleza física era um dos últimos critérios de avaliação do casal. A doçura, a meiguice e a elegância eram retratadas nos contos e nos romances, mas nunca como uma mulher formosa e bonita. Remete que a mulher tem que ser do lar, ter o dom de assumir a maternidade e às vezes até comparada com Nossa Senhora.

Conforme Alves (2016) não se pode negar o valor dos livros, os mesmos carregam dentro de si uma porta para um mundo de diversão e conhecimento, além de instigar a imaginação, deixando clara a importância de que as crianças e jovens tenham acesso ao mundo mágico que os livros oferecem. É importante que se entenda que a construção de uma identidade está em constante mutação e que leva anos para ser analisada, e que se constrói a partir da situação sociocultural em que se encontra o sujeito.

 **Trabalhando com DOCUMENTOS**

Observe atentamente a foto abaixo, de aproximadamente 1860. Trata-se de uma ama de leite e a criança a quem amamentou. Em seguida, leia o anúncio publicado num jornal do Rio de Janeiro no ano de 1862.



Ama de leite.
Aluga-se uma com muito e bom leite, com pouco mais de um mez de parida e sem filho; proenrem na rua do Cano n. 78, loja.
LAVA-SF. e engomina-se; na Ladeira do Senado, subida.

Anúncio de 1862, publicado no jornal *Diário do Commercio*.

Retrato de Augusto Gomes Leal e sua ama de leite Mônica. Fotografia de Joaquim Ferreira Vilela [1860-1865], Recife, Pernambuco.

1. Como a escrava se apresenta na foto? Descreva suas roupas, sua postura e suas feições.
2. Qual parece ser a relação do menino com a ama?
3. É possível dizer que esse tipo de relação ainda existe no Brasil? Justifique sua resposta.
4. Observando o anúncio, o que se pode dizer sobre como alguns dos proprietários de escravas agiam quando uma delas dava à luz uma criança?

MÓDULO 7 - 273

Figura 9: Ama de Leite

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Ainda no livro do oitavo ano, é possível perceber outra iconografia de uma mulher negra. Trata-se de uma ama de leite e a criança a quem amamentou. Em seguida, há um anúncio publicado no Rio de Janeiro no ano de 1862. Nessa imagem, a mulher é retratada tendo uma relação de cordialidade com o menino branco. Ainda sobre a forma como a mulher negra é tratada nos livros didáticos Alves (2016) complementa que a mulher negra pode ser incluída no conteúdo escolar sem ser tratada apenas como escrava doméstica e sexual.

As mulheres no período imperial

Durante muito tempo acreditou-se que as mulheres no Brasil Imperial (1822-1889) teriam uma vida restrita ao ambiente doméstico. Reprimidas primeiro pelos pais, e depois pelos maridos, elas viveriam submissas, sem vontade própria, desempenhando exclusivamente a função de mãe ou esposa. No entanto, pesquisas recentes mostram que elas assumiram muitos outros papéis, dependendo da sua condição social (ricas ou pobres), de sua cor (brancas, pardas ou negras) e de seu estatuto jurídico (livres, libertas ou escravizadas).

Para as mulheres livres, brancas e ricas, a mobilidade no espaço público era limitada. Elas só saíam às ruas acompanhadas e em poucas ocasiões: para visitar parentes, assistir a missas e, ocasionalmente, frequentar óperas e outros espetáculos. Porém, diferentemente das mulheres de elite do período colonial (séculos XVII e XVIII), as da elite do Império tiveram mais acesso à educação. A maioria delas era instruída em casa, por professores particulares, mas algumas já começavam a frequentar os primeiros colégios femininos fundados no século XIX. Além de leitura e escrita, a educação dessas moças incluía noções básicas de matemática, francês, piano, habilidades culinárias, rendas, bordados e, não menos importante, a habilidade de comandar os escravizados domésticos (mucamas, pajens, cozinheiras, amas, etc.), já que essa era uma de suas principais funções depois de casadas. Elas não eram, portanto, preparadas para a vida pública ou profissional, como os homens da elite na mesma época.

As mulheres livres e pobres, que não podiam pagar escolas ou professores, raramente eram alfabetizadas, e o aprendizado para se tornarem “boas esposas e mães” se dava na prática. Muitas vezes, a luta pela sobrevivência as transformava em doceiras, costureiras, lavadeiras, lavradoras, tecelãs – profissões que lhes permitiam ganhar algum dinheiro. Algumas possuíam um ou dois escravizados, que podiam ser utilizados como vendedores de seus produtos, ou alugados para terceiros.

Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos (1797-1867), foi amante de dom Pedro I durante sete anos e teve com ele quatro filhos. Exerceu importante influência nas decisões tomadas pelo imperador e, por conseguinte, nos rumos da política do Primeiro Reinado. Retrato feito por Francisco Pedro do Amaral, c. 1826.

Leolinda Daltro, nascida no século XIX, foi uma das primeiras mulheres a ter participação na política brasileira. Foi a fundadora do Partido Republicano Feminino. Foto de 1917, no Rio de Janeiro.




Figura 10: A mulher no período imperial.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

A terceira imagem do livro do oitavo ano retrata a mulher ainda no período imperial. Como já mencionado acima o século XIX foi um momento muito importante para entender as mudanças ocorridas também na compreensão de sua sexualidade. Então, quando a família real chega ao Brasil, encontra uma colônia, uma vida social limitada a ir as missas de domingo e esse clima vai tomar o primeiro Reinado. Durante esse século, a vida sexual das mulheres foi determinada ora pelo controle da igreja católica, ora por teses de saúde declaradas em discursos médicos.

Continuando no capítulo 15, na página 268, o aluno tem duas diferentes imagens de mulheres no período imperial. A primeira tem Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, que foi amante de dom Pedro I durante sete anos. Domitila, apesar de ser mulher, exerceu grande influência nas decisões tomadas pelo imperador, e por consequente, nos rumos da política do primeiro Reinado. Domitila aparece no retrato muito elegante, demonstrando uma perfeita dama e marquesa.

Durante muito tempo acreditou-se que as mulheres no Brasil Imperial teriam uma vida restrita ao ambiente doméstico. Reprimidas primeiro pelos pais, e depois pelos maridos, elas viveriam submissas, sem vontade própria, desempenhando exclusivamente a função de mãe ou esposa. No entanto, pesquisas recentes mostram que elas assumiram muitos outros papéis, dependendo da sua condição social (ricas ou pobres), de sua cor (brancas, pardas ou negras) e de seu estatuto jurídico (livres, libertas ou escravizadas).

A maioria das mulheres livres, brancas e ricas era instruída em casa, por professores particulares, mas algumas começavam a frequentar os primeiros colégios femininos fundados no século XIX. Além de leitura e escrita, a educação delas incluía noções básicas de matemática, francês, piano, habilidades culinárias, rendas, bordados e, não menos importantes, a habilidade de comandar os escravizados domésticos.

As mulheres livres e pobres, que não podiam pagar escolas ou professores, raramente eram alfabetizadas, e o aprendizado para se tornarem “boas esposas e mães” se dava na prática. E assim, na luta pela sobrevivência as transformavam em doceiras, costureiras, lavadeiras, lavradoras e tecelãs, onde lhes permitiam ganhar algum dinheiro.

O último livro a ser analisado foi o do nono ano. Nesse livro, pode-se perceber que a mulher passa a ser retratada em função de suas conquistas. Na imagem abaixo apresenta mulheres em fila segurando cartazes favoráveis ao voto feminino em Londres no ano de 1912. Sobre esse movimento Céli Regina Jardim Pinto (2010) salienta que a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto.

A HISTÓRIA CONTINUA

XX foram as guerras. Mas...

estadunidense: pessoa que mora ou nasceu nos Estados Unidos da América, ou, ainda, algo referente ao país. O termo "norte-americano" tem o mesmo sentido. Seu uso, porém, tem sido questionado, pois exclui todos os outros povos da América do Norte que não são nascidos nos Estados Unidos, como mexicanos e canadenses.

No início dos anos 1990, o cientista político estadunidense Francis Fukuyama elaborou uma teoria que gerou polêmica nos meios acadêmicos. Segundo ele, o colapso da URSS e o fim da Guerra Fria teriam provocado o **fim da História**. Com a vitória do capitalismo sobre o socialismo, teríamos **chegado ao apogeu** da evolução histórica da humanidade, e nenhuma nova organização política se sucederia à democracia liberal.

No entanto, basta observar os indicadores sociais, econômicos, políticos, culturais das sociedades atuais para perceber que a História não acabou. Pelo contrário, a desigualdade entre os países continua crescendo, o que provoca constantes tensões e conflitos. A História continua a ocorrer pela ação de diversas pessoas que, mobilizadas pelo mundo afora, lutam para que um novo mundo possa ser construído.

Um século de conquistas

Não se pode negar que o século XX foi palco de muitas catástrofes: guerras, crises, desigualdades sociais, bombas atômicas. Ao mesmo tempo, foi marcado por lutas e conquistas relativas à ampliação da **cidadania**. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, os direitos civis da comunidade negra estadunidense, as leis trabalhistas e o **voto feminino** no Brasil, por exemplo, foram todas conquistas do século XX.



Mulheres caminham em fila segurando cartazes favoráveis ao voto feminino. Londres, 1912.

Figura 11: Mulheres na luta pela conquista do voto.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Ainda sobre a imagem acima, o livro coloca em destaque que uma das conquistas do século foi a existência da luta e conquista do voto feminino. É possível perceber que os autores tecem indagações sobre se realmente essas conquistas chegaram ao fim e quais as outras que necessitam ser alcançadas.

A outra iconografia a ser analisada diz respeito a moda feminina durante o século XX. Como se analisou acima esse século foi de grandes conquistas e mudanças nos paradigmas que orientavam o comportamento da mulher europeia. A forma de se vestir também teve mudanças. Os autores do livro buscam direcionar o olhar dos estudantes para essa perspectiva.



Figura 12: Mulheres sendo recrutadas para a indústria de munição.

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Na imagem acima há uma representação das mulheres em cartazes sendo recrutadas para a guerra e há ainda uma frase que enaltece a importância delas dentro dos campos de guerras.

A outra iconografia a ser analisada diz respeito a moda feminina durante o século XX. Como se analisou acima esse século foi de grandes conquistas e mudanças nos paradigmas que orientavam o comportamento da mulher europeia. A forma de se vestir também teve mudanças. Os autores do livro buscam direcionar o olhar dos estudantes para essa perspectiva. Na imagem abaixo há uma representação das mulheres em cartazes sendo recrutadas para a guerra e há ainda uma frase que enaltece a importância delas dentro dos campos de guerras.

O GOVERNO DE DILMA ROUSSEFF

Além de ser a primeira mulher eleita para presidente da República no Brasil, Dilma Rousseff traz em sua biografia política o combate à ditadura militar e a consequente prisão por quase três anos.

A primeira mulher Presidente

A primeira mulher a se eleger prefeita no Brasil, a viúva Alzira Soriano, enfrentou todo tipo de maledicências na campanha: desde ser amante do governador até prostituta. Moça de família, dizia-se naqueles tempos, não se metia em política. Isso aconteceu em Lajes, no Rio Grande do Norte, em 1928. Mais de 80 anos depois, o país elegeu, no domingo 31 [de outubro de 2010], a divorciada Dilma Rousseff sua primeira mulher presidente com alegria, mas também com espanto de constatar como pouca coisa mudou, daqueles tempos para cá, para uma parcela da sociedade. A mídia inclusive.

MENEZES, Cynara. A primeira presidente. *Carta Capital Especial*. São Paulo: Confiança, 3 nov. 2010. p. 22.

Alzira Soriano em seu gabinete de governo, na cidade de Lajes (RN). Foto sem data.



Dilma Rousseff na cerimônia de posse. Foto de 2011.

Efeitos da crise no Brasil

O agravamento da crise financeira internacional marcou o início do governo Dilma. Para enfrentá-la, os Bancos Centrais de países europeus, dos Estados Unidos e do Japão emitiram mais e mais dinheiro, ampliando a oferta de recursos às suas atividades econômicas. Isso provocou a desvalorização das moedas estrangeiras em relação ao real. Logo, os produtos importados ficaram mais baratos e os nossos produtos de exportação, mais caros, fato que afetou diretamente a balança comercial brasileira. Outro aspecto é que a crise internacional também afetou os preços e a quantidade dos produtos exportados pelo Brasil.

Em meio às dificuldades, o governo buscou ampliar incentivos para aumentar a produtividade interna e a competitividade de nossos produtos no mercado internacional. Os resultados obtidos, porém, ficaram aquém dos esperados, com anos seguidos de baixo crescimento e aumento da inflação.

A presidente Dilma manteve as **políticas sociais** do governo Lula, mas os assentamentos relacionados aos programas de Reforma Agrária foram menos numerosos do que nos governos Lula e Fernando Henrique.

Figura 13: Dilma Rousseff e Alzira Soriano

Fonte: Coleção Projeto Mosaico do Ensino Fundamental anos finais - História

Na última imagem a ser analisado, o livro cumpre o dever de apresentar a mulher na atualidade. A imagem destacada faz referência a ex-presidente da República do Brasil, Dilma Rousseff, ao lado de outra iconografia da primeira prefeita do país e da América Latina, Alzira Soriano. Essas imagens têm como objetivo mostrar a representatividade da mulher. É importante ressaltar que ela se elegeu tempo antes do voto feminino no Brasil, pois ela foi eleita em 1929 e o voto feminino no país foi aceito em 1932.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo gênero tem significação polissêmica, podendo ser utilizado para diversas e diferentes atribuições em diferentes campos do conhecimento, o que permite interpretá-lo como conceito e categoria de análise. O que realizamos em nossa pesquisa a partir da percepção e descrição dos livros didáticos escolares. É importante ressaltar que gênero, em qualquer área de conhecimento constitui os predicados ou características que uma coisa tem em comum com outra e que lhe determinam a essência, mas acrescida da diferença. Isto é válido tanto para agrupamento de indivíduos, ideias, maneira, estilo quanto para definir espécie, tipo, objetos, fatos que tenham características comuns. Diante dessas imagens apresentadas, de todos os livros da coleção *Projeto Mosaico* este livro do nono ano é o que mais fala sobre a luta e as conquistas das mulheres. Assim, sendo percebe-se que a pesquisa neste livro didático no ensino de História é de grande importância, uma vez que salienta na maioria das vezes o livro é fruto de uma política de governo que pode tanto fomentar como criar novos estereótipos e preconceitos.

A mulher vista nessa coleção apresenta, ainda, como um tema diferente. Quando se olha a forma como os autores apresentam a mulher constantemente de longe vê o quanto eles foram audaciosos. Essa audácia não se dá simplesmente pela sensibilidade desses autores, mas de um produto de muitas lutas pelo movimento feminista que o próprio livro salienta. Essas imagens das mulheres serão apresentadas de forma mais claras e compreensíveis, ainda que não problematizem as questões, o que compreendemos como sendo extremamente importante e um primeiro passo para quebra de paradigmas e inclusão consistente da mulher na escrita da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. Editora Brasiliense. Brasília, (Coleção Primeiros Passos)1985.

ALVES, Letícia Thayná de Queiroz. A mulher negra no livro didático. **Anais do X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**; ISSN: 2526-0855, 2016.

BARROS, José d'Assunção A escola dos Annales: considerações sobre a História em Movimento. **Revista História em Reflexão**. Vol.4n.8. Dourados, UFGD.Jul/dez 2010.

_____. Ranke: considerações sobre sua obra e modelo historiográfico. **Revista Diálogos**. v.17, n.3, p.977-1005. Maringá, set/dez. 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2002.

BOURDÉ, Guy. **As escolas Históricas**. Portugal, publicações Europa-América, 1983.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo, UNESP, 1997.

CARVALHO, Larissa Sousa de. A questão da Indumentária em obras de Sandro Botticelli. **IV encontro de história da arte**. IFCH/UNICAMP, 2008.

CUNHA. Maria de Fátima da. Mulher e Historiografia: da visibilidade à diferença. **Hist. Ensino**, Londrina, v. 6, p. 141-161, out. 2000.

FACON, Francisco José Calazans. História Cultural e História da Educação. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2002.

GOMES, Gisele Ambrósio. **História, mulher e gênero**. Virtú, Juiz de Fora, v.10, p.1-15, 2011.

MALERBA, Jurandir (org). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: contexto, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de Gêneros: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. **Cadernos Pagu**, 1998: pp.67-75.

PEREIRA, Aline Mikaela. A representação mulher no livro didático de história. **Medianeira: UTFP**, 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política** v. 18, nº 36: 15-23 jun. 2010.

RAGO, Margareth. **A Aventura do contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

REIS, José Carlos. A história metódica, dita “positivista”. **Revista Pós-história**, Assis, nº03, p.41-55, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TÉRTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, JOSÉ BRUNO. Projeto **Mosaico**. 6 ano. Ensino Fundamental. Anos finais. História. Editora Scipione.2015

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, JOSÉ BRUNO. Projeto **Mosaico**. 7 ano. Ensino Fundamental. Anos finais. História. Editora Scipione.2015.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, JOSÉ BRUNO. Projeto **Mosaico**. 8 ano. Ensino Fundamental. Anos finais. História. Editora Scipione.2015

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, JOSÉ BRUNO. Projeto **Mosaico**. 9 ano. Ensino Fundamental. Anos finais. História. Editora Scipione.2015.

VIEIRA, Luciana. O lugar no ensino de geografia: no olhar dos/as estudantes. **In: encontro de práticas de ensino de geografia da região sul**, 2, 2014, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: UFSC, 2014.